

**NOTAS SOBRE A HISTORIOGRAFIA DA ESCRAVIDÃO NAS  
MINAS GERAIS DO SÉCULO XIX –  
TENDÊNCIAS E DEBATES NOS ANOS 1990 E 2000**

Liana Reis  
Puc Minas

Tânia Maria Ferreira de Souza  
Puc Minas

**RESUMO**

O artigo objetiva apontar as tendências historiográficas da produção acadêmica sobre a escravidão em Minas Gerais no século XIX e suas relações com alguns segmentos escravistas da economia, como a mineração, registrada nas duas últimas décadas. Tratando de uma reflexão inicial para fins desse Seminário, o texto privilegia alguns trabalhos, buscando identificar os rumos tomados pela historiografia mineira no tocante aos campos de investigação nos anos de 1990 e 2000. Como qualquer trabalho de revisão, as considerações estarão limitadas pelo corte temporal, pela moldura sócio-econômica utilizada para se discutir a escravidão e pela seleção dos estudos aqui referenciados.

**Palavras-chave:** Historiografia – escravidão- Minas Gerais – século XIX.

**Abstract:** This paper shows the historiographies trends about slavery in the Minas Gerais province during the 19th centuries and your relations with some economical sectors such as mining. The main focus will be the studies about the *mineiro* economy which has been published during the 1990's and 2000's. As the present study is a revision, all the analysis will be limited by the historical time which was chosen, by the selection of studies and by the social and economical frame.

Key-words: Historiography – slavery – Minas Gerais – 19<sup>th</sup> century

**SESSÃO TEMÁTICA:** História Econômica e demografia histórica  
**H1 – Sistemas escravistas em Minas Gerais**

## Notas sobre a historiografia da escravidão na Minas Gerais do século XIX – tendências e debates nos anos 1990 e 2000

Liana Reis<sup>1</sup>

Tânia Maria Ferreira de Souza<sup>2</sup>

O artigo objetiva apontar as tendências historiográficas da produção acadêmica sobre a escravidão em Minas Gerais no século XIX e suas relações com alguns segmentos escravistas da economia, como a mineração, registrada nas duas últimas décadas. Tratando de uma reflexão inicial para fins desse seminário, o texto privilegia o recorte de alguns trabalhos, na tentativa de identificar os rumos tomados pela historiografia mineira no tocante aos campos de investigação nos anos 1990 e 2000. Como qualquer trabalho de revisão, as considerações estão limitadas ao corte temporal e a seleção dos estudos aqui tomados e o escopo da análise permeado pela moldura sócio-econômica utilizada para se discutir a escravidão.

A historiografia mineira sobre o oitocentos nas últimas décadas do século XX e nos anos iniciais no século XXI parece não ter acompanhado a tendência temática verificada na produção universitária no Brasil em finais dos anos 1980. Essa produção nacional, caracterizada por pesquisas em História do Brasil e com área de concentração dominante na História Social e Econômica com enfoques regionais, centrou-se nos temas republicanos, enquanto os estudos acadêmicos mineiros se voltaram para temáticas do período colonial. Verifica-se, também, como segunda de área de concentração mais expressiva desses estudos acadêmicos brasileiros, a história demográfica e a história cultural<sup>3</sup>.

Em trabalho recente o historiador Fernando Novais, ao analisar a produção universitária brasileira no século XX, afirma que ela foi caracterizada pela aproximação com a historiografia latino-americana e por um “maior entrosamento” com outras Ciências Sociais. Verificou-se uma “historicização” dessas Ciências tendo o marxismo como referencial do debate das idéias<sup>4</sup>. Segundo Novais, se comparada à produção europeia e norte-americana, na qual “a separação é mais nítida e a especialização dos pesquisadores mais acentuada”, pode-se perceber que no Brasil, sociólogos, antropólogos e economistas produziram obras historiográficas de peso. Percebe-se que as afirmativas de Novais procedem quando de um exame mais atento da historiografia mineira sobre o oitocentos. Uma boa parte dos estudos sobre Minas Gerais que abordam temas do século XIX foi elaborada não apenas por historiadores, mas por economistas, antropólogos e sociólogos<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela FFLCH/USP e Profa. Adjunta do Departamento de História da PUC Minas

<sup>2</sup> Doutora em História Econômica pela FFLCH/USP e Profa. Adjunta do Departamento de Economia da PUC Minas

<sup>3</sup> FICO, Carlos e POLITO, Ronald. **A história no Brasil (1980-1989)** - Elementos para uma avaliação historiográfica. Ouro Preto:UFOP, 1991, vol. 1.

<sup>4</sup> NOVAIS, Fernando A. **Aproximações** estudos de história e historiografia. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

<sup>5</sup> Sobre esta diversidade de autores, enfoques, recortes e fontes, ver a análise dos “estudos sobre a história econômica de Minas Gerais”, em: RODARTE, M.M.S., de PAULA, J.A., e SIMÕES, R.F. Rede de cidades em Minas Gerais no século XIX. **História Econômica & História de Empresas**, n.1, v.VII, jan.jun 2004. p.7-45.

Em 1959, o economista Francisco Iglésias, apontava a ausência de estudos sobre o século XIX. Ao justificar a escolha do período a ser delimitado para execução de seu trabalho sobre o Oitocentos mineiro, o autor constatava: “Tudo estava por fazer. É verdadeiramente chocante a ausência de bibliografia para essa fase: nada de estudos gerais, poucos de aspectos. A vida provincial mineira quase ainda não existe como tema para o historiador”<sup>6</sup>.

Passados quinze anos, Iglésias ainda se ressentia da pouca atenção dada pelos estudiosos ao século XIX mineiro. Devido à importância que a mineração aurífera adquiriu no cenário nacional, os pesquisadores, segundo ele, “preferiram o setecentos, esquecidos que Minas continua depois, adotando formas e características que também devem ser objeto de cuidados”<sup>7</sup>. Quase dez anos depois dessas considerações de Iglésias, em 1982, outro economista, Roberto Martins, inicia seu estudo sobre a economia escravista de Minas Gerais no século XIX, afirmando:

“Em face da evidente importância da região na história da escravidão na América, é surpreendente verificar quão pouco se pesquisou sobre a área. Não existe um único estudo mais sistemático sobre o sistema escravista provincial e os fatos e dados mais elementares, nos quais deveria basear qualquer interpretação histórica, têm sido completamente ignorados ou distorcidos. ... O resultado desse desinteresse tem sido a perpetuação de um grande número de noções falsas sobre a história de Minas”<sup>8</sup>.

De fato, a historiografia mineira sobre o Oitocentos é numericamente reduzida se comparada a do século XVIII, confirmando as opiniões de Francisco Iglesias e Roberto Martins. Quando são analisados os estudos que se referem à escravidão, verifica-se que a preocupação central dos historiadores, economistas e outros cientistas sociais, até os anos finais do século XX, é o resgate da estrutura econômica e social como um todo. A escravidão aparece como um aspecto importante, definidor da sociedade e da estrutura econômica, mas não como objeto de estudo específico, no sentido de resgatar a atuação dos escravos no processo. A questão central ainda é, na maior parte da literatura consultada, a análise da economia mineira, diversa, complexa e escravista, que suscita inúmeras nuances, trazendo à tona as especificidades locais. Cumpre salientar, entretanto, que essas pesquisas acompanham a tendência verificada da historiografia nacional no tocante as áreas de concentração.

As pesquisas sobre escravidão no Brasil, a partir da década de 1980, evidenciaram uma mudança no enfoque: objetos de estudo que visavam a reconstituição do cotidiano escravo, percebido como sujeito<sup>9</sup>. Parte da historiografia mineira sobre o oitocentos que aborda a escravidão pode ser dividida em duas correntes principais. A primeira, é composta de autores que procuraram desvendar o processo histórico através

---

<sup>6</sup> IGLÉSIAS, Francisco. **Política econômica do governo provincial mineiro (1835-1889)**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958, p. 11.

<sup>7</sup> O texto foi escrito em 1974. IGLÉSIAS, Francisco. **Três séculos de Minas**. Belo Horizonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, 1985 (Cadernos de Minas, I), p. 4.

<sup>8</sup> MARTINS, Roberto Borges. **A economia escravista em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 1982, p. 1.

<sup>9</sup> Os novos estudos sobre escravidão no Brasil a partir das últimas décadas do século XX, revelaram preocupação com o resgate da autonomia escrava (liberdade de locomoção, existência de pecúlio, abertura de espaços de negociação, formas de resistência e expressão cultural própria, etc.). Sobre esses estudos ver: REIS, Liana Maria. **Escravos e abolicionismo na imprensa mineira – 1850/1888**. 1993. 179f. Dissertação ( Mestrado em História ) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. P. 100-103.

do resgate da estrutura econômica escravista. Pode-se afirmar tratar-se de estudos de História Econômica<sup>10</sup> e História Demográfica. A segunda corrente, composta de pesquisas que podem ser incluídas nos campos de investigação da História social e da História cultural. Cabe salientar que essas áreas de concentração embora definidas pelo enfoque, opção teórica e fontes escolhidas pelo pesquisador para análise do objeto, não são terrenos rígidos que impeçam que as análises contemplem aspectos de outros campos de investigação. É o caso, por exemplo, da demografia que, em função do objeto investigado, das fontes e da escolha dos paradigmas teóricos, pode ser considerada uma vertente da História Econômica<sup>11</sup> ou da História Social<sup>12</sup>. O diálogo entre as várias áreas de concentração, portanto, não só é possível como tem se mostrado necessário e profícuo.

Na primeira corrente, incluem-se as obras de economistas como Roberto Martins e João Antonio de Paula e de historiadores como Douglas Cole Libby, Ana Lúcia Duarte Lanna e Tarcísio Botelho. Esses trabalhos, embora com recortes temporais e espaciais particulares, revelaram uma economia escravista diversificada, com uma base agrária nas várias regiões provinciais e a existência de atividades de transformação, indispensáveis a preparação de pré-condições para o desenvolvimento industrial. A transição do trabalho compulsório para o livre parece ter sido marcada por avanços e recuos, haja vista as especificidades da economia escravista mineira que dificultava a consolidação do processo de proletarização dos libertos e demais trabalhadores livres<sup>13</sup>. No ano de 1982, o economista Roberto Martins caracterizou a economia escravista provincial como: diversificada para autoconsumo e certo isolamento dos mercados fora da província, com uma baixa taxa de mercantilização e importadora maciça de escravos<sup>14</sup>. Afirma o autor, que o “apego à escravidão”, se explicaria devido à dependência do braço escravo e a existência da “fronteira aberta”, que ao possibilitar a sobrevivência de libertos e pobres livres, dificultava o processo de proletarização<sup>15</sup>.

---

<sup>10</sup> Segundo João Fragoso e Manolo Florentino, “o apogeu dos estudos em História econômica ocorreu, contudo, com a expansão dos programas de pós-graduação no Brasil” nos anos 1970. Utilizando novas temáticas e documentos, muitas vezes inéditos, e alicerçados pelo manejo de técnicas de pesquisa, esses trabalhos propuseram reflexões sobre conjunturas, estruturas econômicas, e possibilitaram análises sobre mercado interno, estruturas agrárias escravistas, demografia, dentre outros temas. FRAGOSO, João e FLORENTINO, Manolo. História Econômica. In: CARDOSO, Ciro F. E VAINFAS, Ronaldo. (orgs) **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.41

<sup>11</sup> Os autores ao analisarem a produção da História econômica, no Brasil, afirmam que dentre as áreas que ganharam impulso maior está a demografia, Id, ibid, p.41.

<sup>12</sup> Hebe Castro, ao analisar as possibilidades de campos de pesquisa no Brasil em História Social, afirma que as análises demográficas sobre família, especialmente a partir da década de 1990, ao conjugarem fontes demográficas, como registros paroquiais, inventários, processos-crime e relato de viajantes, têm “emprestado uma dimensão inovadora” a compreensão do papel da família escrava na dinâmica da sociedade escravista. CASTRO, Hebe. História Social In: CARDOSO, Ciro F. E VAINFAS, Ronaldo. (orgs) **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.57.

<sup>13</sup> O estudo do pesquisador, Domingos Giroletti, ao analisar a modernização do Centro e norte de Minas Gerais (a partir da segunda metade do século XIX), através do estudo de caso da Cia. Cedro e Cachoeira considera que o enquadramento dos operários à disciplina fabril, “não foi um processo pacífico, cordial ou sem conflitos”, havendo inúmeras formas de resistência dos trabalho. GIROLETTI, Domingos. 2ª ed. **Fábrica: convento e disciplina**, Brasília: UNB, 2002, p.338.

<sup>14</sup> MARTINS, op.cit, 1982.

<sup>15</sup> As idéias de Martins suscitaram inúmeras críticas, como mostram as pesquisas dos economistas Francisco Vidal Luna e Wilson Cano (1983) e Robert Slenes (1986). Em linhas gerais, são apontados, nesses estudos, aspectos desconsiderados por Martins tais como o crescimento da taxa de natalidade interna dos cativos e o vigor de setores mercantis exportadores da economia provincial. LUNA, Francisco Vidal e CANO, Wilson. A Reprodução Natural de Escravo em Minas Gerais (século XIX): uma hipótese.

Douglas Libby, em estudo publicado em 1988, visando reconstituir o desenvolvimento das atividades de transformação e os trabalhadores nelas engajados no período de 1830-1889, optou como documentos básicos pela documentação censitária, pelos mapas de população (1831-1840) e relatos de viajantes. O historiador considera que o sustentáculo da economia mineira no século XIX foi a agricultura mercantil de subsistência, ou seja, a “produção de alimentos básicos destinados ora ao auto-consumo, ora no mercado interno, dentro e fora da província”<sup>16</sup>. Verticaliza o estudo sobre as atividades de transformação (mineração, siderurgia, setor têxtil, etc.), as quais demandaram a mão-de-obra escrava, no período compreendido entre os anos 1830-1889. No mesmo ano, a historiadora Ana Lúcia Lanna, tendo como objeto de estudo a passagem do trabalho compulsório para o livre na zona da Mata (1870-1920), recupera a especificidade histórica dessa região cafeeira<sup>17</sup>. Ali, a opção, devido as suas características peculiares, foi à utilização da mão-de-obra do trabalhador nacional e não do imigrante, solução paulista.

O economista João Antônio de Paula, em ensaio publicado em 2000, objetiva resgatar as especificidades da modernidade em Minas Gerais buscando suas raízes nos séculos XVIII e XIX. Discute a compatibilidade entre escravos e técnicas modernas e chama a atenção para a qualificação, as técnicas e os métodos trazidos pelos africanos e empregados nos processos produtivos em Minas<sup>18</sup>. De forma convergente, Souza (2002) também ressalta o papel da mão de obra na introdução e aprimoramento da técnica e da tecnologia para a mineração aurífera nas Minas Gerais oitocentista. Seu trabalho não só reúne mais evidências da presença britânica dos mineradores cónicos nestas minas, o que já havia sido proposto pela historiografia corrente, como também reforça a idéia da transferência desse conhecimento técnico específico para o *locus* mineiro. Em suas palavras:

“Partindo da premissa de que a mudança tecnológica na fronteira da mineração brasileira do século XIX resultou da adoção e adaptação de novas técnicas que foram disponibilizadas pelos distritos mineratórios mais avançados de todo o mundo, essas técnicas atingiram os distritos mineratórios de Minas Gerais por meios distintos e pode-se identificar os prováveis **veículos da transferência de tecnologia** utilizados: **maquinário ou equipamento** que incorporava novas técnicas e podia ser importado, e **técnicas e habilidades**, desenvolvidas pelos administradores de minas e trabalhadores que foram trazidos para Minas Gerais”.<sup>19</sup>

No âmbito do papel da transmissão oral neste processo de transferência tecnológica durante anos e anos, ainda realça a contribuição da mão de obra escrava, dados os registros presentes na historiografia sobre o seu *background* tecnológico em mineração. Além dos mineradores europeus, portanto, é também importante analisar a qualificação da mão-de-obra escrava nas minas de ouro em Minas Gerais. Desde o século XVIII, os escravos, que predominaram nesta região no auge da produção de ouro, eram originários da Costa da Mina, uma região da África onde os conhecimentos da mineração e

---

**Cadernos IFCH**: Unicamp, n. 10, 1983 e SLENES, Robert W. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escrava de Minas Gerais no século XIX. **Estudos Econômicos**. São Paulo, n. 18, 1988.

<sup>16</sup> LIBBY, Douglas Cole. **Transformação e trabalho em uma economia escravista**. Minas Gerais no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.14

<sup>17</sup> LANNA, Ana Lúcia Duarte. **A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira, 1870-1920**. Campinas: Unicamp, Brasília, CNPq, 1988.

<sup>18</sup> PAULA, João Antonio de. **Raízes da Modernidade em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

<sup>19</sup> SOUZA, T.M.F. de. **Onde o sol nunca brilha: uma história dos investimentos britânicos e da mudança tecnológica na mineração aurífera de Minas Gerais no século XIX**. 2002. 248f. Tese (Doutorado) em História Econômica. F.F.L.C.H./Universidade de São Paulo/USP, São Paulo. p.201.

metalurgia do ouro eram altamente desenvolvidos. Para ilustrar tal questão, deve ser mencionado que muitos desses escravos já eram proeminentes ourives e ferreiros em Minas Gerais, exercendo estes ofícios legalmente.<sup>20</sup> Pressupondo-se que estes escravos pudessem transmitir suas habilidades e conhecimentos para seus descendentes por via oral, este provável legado teve algum tipo de impacto no perfil da produtividade da primeira geração de companhias britânicas que tivessem contratado aquela força de trabalho no princípio do século XIX. Como RUSSELL-WOOD ressalta: “*Na história das contribuições dos africanos para as sociedades do Novo Mundo, a transferência de tais habilidades técnicas (embora não reconhecida pelas autoridades) foram o maior legado.*”<sup>21</sup> Como o processo de difusão pode ser basicamente imitativo e pode envolver a gradual substituição dos velhos métodos pelos novos, a premissa básica neste caso, é que o processo de mudança técnica deve ser visto como um resultado da ‘difusão por migração’ e esta exige um agente intermediário humano que teria sido o minerador qualificado europeu, ou então, o próprio africano.<sup>22</sup> Por outro lado, ressalte-se o grau de adaptabilidade da mão de obra escrava à organização tecnológica dos empreendimentos mineratórios britânicos que foram implantados em Minas Gerais, no mesmo período.

Já o historiador Tarcísio Botelho, ao analisar os dados de arquivos paroquiais sobre famílias escravas em Montes Claros (1810-1888) afirma a existência de processos de reprodução natural de plantéis escravos mesmo numa conjuntura econômica adversa. Sua pesquisa demonstrou a liberdade de circulação dos cativos, “que se relacionam com o mundo dos livres, que conseguiam acumular e preservar um patrimônio, que constituíam famílias” na busca de conforto e liberdade<sup>23</sup>.

Na segunda corrente podem ser destacados, dentre outros, os trabalhos da antropóloga Ilka Boaventura Leite, do sociólogo Ivan Velasco e dos historiadores Liana Reis e Marcos Andrade.

Ilka Boaventura, através dos relatos de viagem dos viajantes sobre os escravos e libertos, homens e mulheres, negros e mestiços, recupera aspectos culturais do cotidiano urbano e rural vivenciados por essa população na província mineira. Os relatos, longe de se caracterizarem pela coerência, apresentam muitas contradições nas descrições da realidade escolhida e observada como “sobre o trabalho, lazer, dança, música e festas e nos julgamentos sobre o sistema”.<sup>24</sup> Os relatos evidenciam duas imagens do escravo: a do negro “conformado” com a situação e daquele disposto a lutar para sua libertação e ascensão social. Quanto aos libertos, da cidade ou do campo, sua situação era, na maioria das vezes, de penúria, embora muitos se destacassem no setor de prestação de

---

<sup>20</sup> RUSSELL-WOOD, A.J.R. Technology and Society: the impact of gold mining on the institution of slavery in Portuguese America. *Journal of Economic History*, n.1, v.37, Mar.1977 (Comment: Joseph Love). p. 78. Sobre o processo de transmissão oral das técnicas, ver também: POMERANZ, K. **The Great divergence: Europe, China and the making of the modern world economy**. Princeton: Princeton University Press, 2000. p. 66.

<sup>21</sup> Id., *ibid.*, p.79.

<sup>22</sup> Ver também SCOVILLE, W.C. Spread techniques: minority migrations and the diffusion of technology. *Journal of Economic History*, n.4, v.11, Outono, 1951, p. 349. SCOVILLE, nesse trabalho, e ROSENBERG (1970) compartilham o mesmo ponto de vista no que tange ao processo de migração. Nesse sentido, ver também ROSENBERG, N. Economic Development and the transfer of technology: some historical perspectives. *Technology and Culture*, n.4, v. 11 out. 1970. p. 550-575.

<sup>23</sup> BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Demografia e família escrava em Montes Claros no século XIX In: Oliveira, Fábio Martins de et al (orgs.) **Formação Social e Econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: Unimontes, 2000. p.419.

<sup>24</sup> LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da Vigem**. Escravos e Libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p.229

serviços, nas artes nas manufaturas e outros com terra e escravos, como observaram os viajantes. Vale ressaltar a observação da autora para o fato de que o uso da literatura dos viajantes tomada como documento para explicações sociológicas, históricas, antropológicas, etc. “sem a devida relativização em relação ao colonialismo, ao racismo e ao etnocentrismo”, acaba por consolidar o valor do “branco” e do “senhor”<sup>25</sup>. Por outro lado, a despeito do risco de uma relativa europeização do discurso que analisa esta literatura dos viajantes, deve-se atentar para o grau de avaliação dos seus relatos no contexto do recorte sócio-econômico escolhido. Em outras palavras, na ausência de outras fontes históricas que contribuam para a descrição e entendimento das relações entre economia e sociedade nas Minas Gerais do século XIX, no dizer de Paiva (2002), desprezar tais registros pode parecer temerário:

Imensa é a fortuna dos relatos de viagem para a história de Minas Gerais no século XIX. A contribuição é valiosa sobretudo para a história social e econômica, ainda que forneça subsídios importantes para a história política. A atração exercida pela Capitania/Província do ouro e dos diamantes fez de Minas um dos destinos preferenciais, com viajantes esquadrihando todo o seu território.<sup>26</sup>

Embora não se constate um consenso na historiografia sobre a validade dos testemunhos dos viajantes, Douglas Libby, Ilka Boaventura Leite e Flávio Versiani convergem na visão de que os estudiosos brasileiros têm submetido seus relatos e escritos a uma leitura crítica que tem contribuído para o resgate da realidade econômica de outrora.<sup>27</sup> Nas palavras de Libby, “diante da relativa escassez de documentação oficial e oficiosa e da ausência quase total de registros privados, os depoimentos dos viajantes estrangeiros constituem fontes primárias de inestimável valor para a história do Brasil do século XIX. Às vezes são virtualmente insubstituíveis”.<sup>28</sup> Para Versiani (2000), os relatos destes viajantes, especialmente no século XIX, constituem fontes amplamente utilizadas para o estudo da vida econômica e social no país naquele período e, acrescenta, ainda, que os trabalhos clássicos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. também são caudatários em ampla medida dessas fontes. Ressalta que, em particular, o estudo dos principais aspectos do escravismo brasileiro tem sido muito influenciado por tais relatos<sup>29</sup>.

A título de ilustração, o estudo de Souza (2002) sobre a mudança tecnológica na mineração aurífera de Minas Gerais no século XIX, utiliza esta fonte para traçar um perfil do estágio de desenvolvimento das forças produtivas naquele setor da economia. Segundo a autora, os relatos são inúmeros e abrangem desde memórias de viagens a relatos científicos, permeados pelos mais variados enfoques e diferentes nacionalidades dos escritores. Desde comerciantes, engenheiros, naturalistas, oficiais das companhias

---

<sup>25</sup> Id,ibid, p.228-229.

<sup>26</sup> PAIVA, Clotilde Andrade. **População e economia nas Minas Gerais do século XIX**. São Paulo: FFLCH-USP, 1996. (Tese de Doutorado), p. 77.

<sup>27</sup> LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia de viagem: Escravos e Libertos em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1996. p. 19-25; e LIBBY, Douglas Cole. Impressões de um Visconde Francês sobre o Brasil no crepúsculo do Império. In: COURCY, Ernest de Visconde. **Seis semanas nas minas de ouro do Brasil**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. Ambos os trabalhos são ricos em referências sobre o perfil e a biografia dos viajantes estrangeiros que visitaram Minas Gerais no século XIX.

<sup>28</sup> LIBBY, 1997, op.cit., p.14 -15.

<sup>29</sup> VERSIANI, F.R. Os escravos que Saint-Hilaire viu. **História Econômica & História de Empresas**, n.1, v.III, 2000. p.7-42.

mineratórias inglesas instaladas na província, funcionários estrangeiros do governo provincial, professores da Escola de Minas de Ouro Preto, todos vieram ao Brasil do Oitocentos por motivos variados, em missões oficiais ou semi-oficiais ou como cidadãos comuns.<sup>30</sup> Como critério de seleção de suas obras, foram privilegiados os principais autores que trataram de forma relevante o tema de interesse da pesquisa, ou seja, espécies, métodos e processos da mineração aurífera em Minas Gerais, desde a prospecção ao beneficiamento do metal precioso. Para ilustrar o que se denominou esse “*olhar estrangeiro*”, foram pinçados exemplos ilustrativos da riqueza de detalhes das descrições de alguns desses principais viajantes e da perspicácia de suas observações, culminando no que Libby (1997) chamou de “olhar científico”, que fez de suas obras referências obrigatórias.<sup>31</sup> Considerou-se, abrigados na mesma moldura dos viajantes, as contribuições de Eschwege e Ferrand, cujos trabalhos, no sentido clássico, são considerados referências obrigatórias para o tema em questão, por conterem informações mais completas sobre a história da descoberta e da exploração dos metais e pedras preciosas no Brasil.<sup>32</sup> Nesse âmbito, o arguto olhar do estrangeiro Eschwege passeando pela província das Minas Gerais oitocentista já antecipava em sua outra obra relevante - “Notícias e reflexões estatísticas a respeito da província de Minas Gerais”, de 1825, - uma síntese desses métodos e processos. .<sup>33</sup>

O estudo do sociólogo Ivan Vellasco, publicado no ano de 2004, objetivou de um lado, reconstituir a montagem da máquina administrativa e judiciária, o funcionamento das agências de controle e exercício do poder de Estado e, por outro lado, buscou desvendar a constituição do seu campo de legitimidade.<sup>34</sup> A análise das fontes revelou a existência de mulheres e homens escravos e livres que recorriam à justiça e aos seus mecanismos limitados para assegurar direitos e reclamar garantias. A pesquisa realizada por Vellasco evidenciou, também, como os funcionários, juízes e magistrados pautavam suas ações visando implementar “a ordem sob a letra da lei” e que as negociações cotidianas mostravam padrões de sociabilidade e expectativas a respeito da ordem, que não poderiam ser ignoradas<sup>35</sup>.

Deve-se destacar dois estudos elaborados a partir da década de 1990, que analisam a atuação dos escravos em momentos distintos e aspectos diferentes da estrutura político-social da província mineira . Trabalhando com periódicos e Relatórios de Presidente da Província, buscou-se resgatar a movimentação dos escravos no

---

<sup>30</sup> Id., *ibid.*, p.16-17.

<sup>31</sup> Id., *ibid.*, p.15.

<sup>32</sup> São consideradas obras de primeira grandeza sobre o tema: ESCHEWEGE, Wilhelm Lwdwig Von. **Pluto Brasiliensis**. Tradução de Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. 2v; FERRAND, Paul. **O ouro em Minas Gerais**. Tradução de Júlio Castanõn Guimarães, Notas João Henrique Grossi, Friederich E. Renger, Estudos Críticos João Henrique Grossi ... [et al]. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998. Merece também uma análise detalhada, o capítulo XXI, do seguinte livro de BURTON, que trata especialmente da mineração de ouro em Minas Gerais: BURTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. Tradução de David Jardim Junior. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976. p. 177-191.

<sup>33</sup> ESCHWEGE, Guilherme, Barão. **Notícias, e reflexões estatísticas a respeito da província de Minas Gerais**. [Lisboa, 1825]. [Extracted from Memórias da Academia de Ciencias de Lisboa, IX, pt. 1, 1825] p.25-26.

<sup>34</sup> VELLASCO, Ivan de Andrade. **As Seduções da ordem**. Violência, criminalidade e administração da justiça Minas Gerais,século XIX.São Paulo:Edusc/Anpocs,2004.

<sup>35</sup> Id., *ibid.*,p.305



contexto do processo abolicionista.<sup>36</sup> Elaborando estratégias com o objetivo de alargar suas chances de melhorar de vida e garantir sua sobrevivência, os cativos da província mineira cometeram crimes, bem como atuaram dentro dos espaços legais abertos pelo sistema. Pensavam de forma peculiar e criaram expectativas de acordo com o que ouviam e viviam agindo conforme seus interesses particulares, ainda que incorporando alguns valores senhoriais a sua vivência.

Marcos Andrade em estudo sobre a revolta de escravos de Carrancas (1833), afirma ser essa maior rebelião escrava da história provincial mineira, causando grande temor nas elites do sudeste do Brasil<sup>37</sup>. Os revoltosos, liderados pelo escravo Mina Ventura, mataram os brancos das fazendas Campo Alegre e Bela Cruz, pertencentes a família Junqueira. Utilizando de instrumento de trabalho como paus, foices e machados, os escravos assassinaram 11 brancos (homens, mulheres e crianças) e duas pessoas de cor preta, possíveis escravos domésticos. Os insurretos pretendiam assassinar todos os brancos da freguesia de Carrancas e apossar de suas propriedades. Foi intensa a repressão sobre os revoltosos: trinta e um escravos, de diversas etnias e crioulos, foram indiciados e 16 foram condenados à morte<sup>38</sup>.

Todos esses trabalhos, tendo objetos de estudo, marcos teórico-metodológicos e fontes históricas específicas, podendo ser incluídos nas áreas de concentração História Econômica, Demográfica, Social e Cultural, contribuíram para desvendar o universo pouco explorado da realidade provincial mineira, permitindo pesquisas comparativas indispensáveis para a ampliação do conhecimento das dinâmicas locais. Essas pesquisas deixam evidente o peso histórico da escravidão nas dinâmicas dessa economia e sociedade.

Finalmente, é relevante lembrar o artigo da historiadora Andréa Lisly Gonçalves, publicado em 1998, no qual a autora conclui que “o desafio que se impõe para a historiografia” dos séculos XVIII e XIX no Brasil e em Minas “parece ser o de se estabelecer as correlações possíveis entre as determinações externas e as internas do sistema”.<sup>39</sup> Entretanto, é possível afirmar que os novos estudos sobre a escravidão mineira do século XIX das duas últimas décadas dão ênfase muito mais as especificidades locais e as dinâmicas internas do que nas determinações externas, como apontou Lisly. Parece que a preocupação com essas “determinações externas” são de pesquisadores que podem ser incluídos na primeira corrente, ou seja, aquela composta por estudos da área da História econômica. Os estudos pertencentes à História Cultural e à História Social, ao contrário, enfatizam mais as dinâmicas internas e as particularidades locais. Entende-se que a tendência historiográfica mineira das últimas duas décadas – e a importação de teorias externas se faz presente nesses estudos – seja a reconstituição das especificidades locais e o resgate dos escravos como sujeitos, agentes atuantes e gerenciadores de suas próprias vidas. Os trabalhos têm recuperado as estratégias elaboradas pelos cativos visando alcançar a alforria, melhorar suas vidas, manter direitos e garantir seu núcleo familiar, como apontaram os estudos aqui citados. As áreas de concentração que mais crescem, parece ser a História Social e a História Cultural, forte vertente da historiografia nacional. Esses campos de investigação,

---

<sup>36</sup> REIS, Op. Cit.

<sup>37</sup> ANDRADE, Marcos Ferreira de. **Negros rebeldes nas Minas Gerais**: a revolta dos escravos de Carrancas (1833). Disponível em: [www.acervo.ufsj.edu.br](http://www.acervo.ufsj.edu.br). Acesso em 01 mai/2007. p.19. Partindo da análise de um processo-crime, o autor reconstrói o contexto histórico da região e do próprio crime de rebelião, evidenciando o clima de rebeldia escrava presente no cotidiano das relações escravistas locais.

<sup>38</sup> Id, *ibid*, p.11.

<sup>39</sup> GONÇALVES, Andréa Lisly. “Algumas Perspectivas da Historiografia sobre Minas Gerais nos Séculos XVIII e XIX IN: **Termo de Mariana**: história e documentação. Mariana: UFOP, 1998, p.26.

extensos e complexos, têm no Brasil privilegiado a história social da família, do trabalho, do Brasil colonial, da escravidão, a cultura popular e as mentalidades.

A devassa dos arquivos na procura e descoberta de novas fontes históricas, a utilização de novas metodologias e teorias (especialmente a influência da Nova História francesa e o marxismo revisionista) e a expansão dos cursos de pós-graduação têm contribuído para a profissionalização dos pesquisadores, gerando estudos com sólida base empírica e rigor científico, fundamentais para o avanço das Ciências Humanas, especialmente da História em Minas Gerais e no Brasil.

## Referências

ANDRADE, Marcos Ferreira de. **Negros rebeldes nas Minas Gerais**: a revolta dos escravos de Carrancas (1833). Disponível em: [www.acervo.ufsj.edu.br](http://www.acervo.ufsj.edu.br). Acesso em 01 mai/2007.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Demografia e família escrava em Montes Claros no século XIX In: Oliveira, Fábio Martins de et al (orgs.) **Formação Social e Econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: Unimontes, 2000.

BURTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. Tradução de David Jardim Junior. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

CASTRO, Hebe. História Social In: CARDOSO, Ciro F. E VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História**. Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ESCHEWEGE, Wilhelm Ludwig Von. **Pluto Brasiliensis**. Tradução de Domicio de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. 2v.

\_\_\_\_\_. **Notícias, e reflexões estatísticas a respeito da província de Minas Gerais**. [Lisboa, 1825]. [Extracted from Memórias da Academia de Ciências de Lisboa, IX, pt. 1, 1825]

FERRAND, Paul. **O ouro em Minas Gerais**. Tradução de Júlio Castanõn Guimarães, Notas João Henrique Grossi, Friederich E. Renger, Estudos Críticos João Henrique Grossi ... [et al]. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998.

FICO, Carlos e POLITO, Ronald. **A história no Brasil (1980-1989)** - Elementos para uma avaliação historiográfica. Ouro Preto: UFOP, 1991, vol. 1.

FRAGOSO, João e FLORENTINO, Manolo. História Econômica. In: CARDOSO, Ciro F. E VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História**. Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GIROLETTI, Domingos. 2ª ed. **Fábrica: convento e disciplina**, Brasília: UNB, 2002.

IGLÉSIAS, Francisco. **Política econômica do governo provincial mineiro (1835-1889)**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958

\_\_\_\_\_. **Três séculos de Minas**. Belo Horizonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, 1985 (Cadernos de Minas, I),

LANNA, Ana Lúcia Duarte. **A transformação do trabalho**: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira, 1870-1920. Campinas: Unicamp, Brasília, CNPq, 1988.

LIBBY, Douglas Cole. **Transformação e trabalho em uma economia escravista.** Minas Gerais no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1988,

\_\_\_\_\_. Impressões de um Visconde Francês sobre o Brasil no crepúsculo do Império. In: COURCY, Ernest de Visconde. **Seis semanas nas minas de ouro do Brasil.** Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia de viagem: Escravos e Libertos em Minas Gerais no século XIX.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

GONÇALVES, Andréa Lisly. Algumas Perspectivas da Historiografia sobre Minas Gerais nos Séculos XVIII e XIX In: **Termo de Mariana: história e documentação.** Mariana:UFOP, 1998.

LUNA, Francisco Vidal e CANO, Wilson. A Reprodução Natural de Escravo em Minas Gerais (século XIX): uma hipótese. **Cadernos IFCH:** Unicamp, n. 10, 1983.

MARTINS, Roberto Borges. **A economia escravista em Minas Gerais no século XIX.** Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 1982.,

NOVAIS, Fernando A. **Aproximações** estudos de história e historiografia. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PAULA, João Antonio de. **Raízes da Modernidade em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PAIVA, Clotilde Andrade. **População e economia nas Minas Gerais do século XIX.** 1996. 229f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo.

POMERANZ,K. **The Great divergence: Europe, China and the making of the modern world economy.** Princeton: Princeton University Press, 2000.

REIS, Liana Maria. **Escravos e abolicionismo na imprensa mineira – 1850/1888.** 1993. 179f. Dissertação (Mestrado em História ) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RODARTE, M.M.S., de PAULA, J.A., e SIMÕES, R.F. Rede de cidades em Minas Gerais no século XIX. **História Econômica & História de Empresas**, v.VII, n.1, p.7-45, jan.jun 2004.

ROSENBERG, N. Economic Development and the transfer of technology: some historical perspectives. **Technology and Culture**, v. 11, n.4, p. 550-575, out. 1970.

RUSSEL-WOOD, A.J.R. Technology and Society: the impact of gold mining on the institution of slavery in Portuguese America. **Journal of Economic History**, v.37, n.1, Mar.1977 (Comment: Joseph Love).

SCOVILLE, W.C. Spread techniques: minority migrations and the diffusion of technology. **Journal of Economic History**, v.11, n.4, Outono, 1951.

SLENES, Robert W. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escrava de Minas Gerais no século XIX. **Estudos Econômicos**. São Paulo, n. 18, 1988.

SOUZA, T.M.F. de. **Onde o sol nunca brilha: uma história dos investimentos britânicos e da mudança tecnológica na mineração aurífera de Minas Gerais no século XIX**. 2002. 248f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo.

VELLASCO, Ivan de Andrade. **As Seduções da ordem**. Violência, criminalidade e administração da justiça Minas Gerais, século XIX. São Paulo: Edusc/Anpocs, 2004.

VERSIANI, F.R. Os escravos que Saint-Hilaire viu. **História Econômica & História de Empresas**, v.III, n.1, 2000. p.7-42.